



Jornalismo Cultural: decoração ou alicerce?¹

Everson da Silva JESUS²

Henriette Marcey ZANINI³

Fabiula Aparecida BENTO-GUTH⁴

Centro Universitário Cândido Rondon – Unirondon – Cuiabá, MT

Resumo: Este trabalho objetiva analisar como é visto o fazer jornalismo cultural em dois jornais impressos de Cuiabá – *A Gazeta* e a *Folha do Estado* -, com a preocupação em identificar se, para esses veículos, o conceito de jornalismo cultural se confunde, ou se funde, com o de simples entretenimento em suas páginas destinadas a esse fim.

Palavras-chave: Jornalismo cultural; Entretenimento; Editorias de cultura; Jornais impressos.

Introdução

A ciência há tempos já comprovou a existência de comunicação entre os animais, porém apenas os seres humanos possuem faculdades mentais e físicas para usar uma linguagem capaz de estruturar ideias complexas e transmitir conhecimento.

Desde sempre, então, a sociedade tem produzido diversificados bens culturais, por meio dos quais gerações são educadas, opiniões são formadas ou desfeitas, tradições são mantidas e reverenciadas, ideias são cristalizadas e tomadas como verdades em determinado momento histórico e em determinados espaços geográficos.

Com o surgimento da escrita, há aproximadamente quatro mil anos, e sua evolução, os homens passaram a ter uma ferramenta eficiente e valiosa para o registro histórico de seu pensamento e das variadas formas de ver e sentir o mundo em que viviam/vivem.

E uma escrita que se consagrou, popularizando-se, é a que os jornais põem à disposição dos leitores desse tipo de mídia. Aqui, especificamente, a ênfase é dada aos jornais impressos.

De acordo com a Enciclopédia Seleções (2004), as *Acta Diurna*, da Roma Antiga, são consideradas os mais antigos escritos de notícias, e eram afixados em

¹ Artigo apresentado no DT 1 – Jornalismo do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste realizado de 7 a 9 de junho de 2012.

² Recém-graduado em Jornalismo pelo Unirondon (2011). Email: johnnyeverson@hotmail.com.

³ Professora orientadora. Professora do Curso de Jornalismo do Unirondon. Email: henrizanini@ig.com.br.

⁴ Professora orientadora. Professora do Curso de Jornalismo do Unirondon. Email: fabulabento@gmail.com



lugares de destaque para que todos os cidadãos os pudessem ler. Porém, após a queda do Império Romano, passaram-se mais de 1.200 anos para que notícias escritas voltassem a atingir o grande público.

Ainda em conformidade com a publicação citada acima, notícias sobre acontecimentos correntes passaram a circular amplamente em panfletos no século XVI. No século seguinte, jornais, revistas e tiras ilustradas narrativas já eram bastante definidos.

Mas dessa vasta e variada seara, o que interessa discutir neste texto é o chamado jornalismo cultural - com presumido início na Europa do século XVIII - , e que pretendia, como missão primordial, informar e opinar sobre essa produção cultural, oferecendo-se para ser veículo para a circulação desses bens culturais na sociedade.

Embora alguns especialistas no assunto afirmem que o caderno de cultura é uma das partes mais lidas nos jornais, outros discutem o fato de que, para uma parcela significativa da população, cultura ainda se confunde com simples entretenimento.

Outros especialistas acreditam que com essa prática de apenas informar os acontecimentos da agenda cultural, o jornalismo cultural produzido no Brasil exime-se da análise desses acontecimentos, o que traz sérios riscos de que os cadernos de cultura tornem-se simples instrumentos de publicidade dos eventos noticiados, mesmo que de forma imperceptível.

O jornalista Daniel Piza (2009), por exemplo, dentre outras críticas, deixa claro sua preocupação em reverter o quadro atual que, segundo ele, nada contribui para o crescimento de uma população carente por textos que façam refletir. Como outro exemplo, Marina Magalhães (2010) assegura que, diante de tamanha importância na relação com o leitor e de um poder de influência através de argumentos, o jornalismo cultural ainda é um instrumento essencial para a fomentação da cena cultural.

Já o escritor e jornalista norte-americano Neal Gabler (1998) discute o fato de como a cultura se submete à tirania do entretenimento e a vida se torna um filme. Sua obra *Vida, o filme - Como o entretenimento conquistou a realidade* - ajuda a entender como o jornalismo cultural foi engolido pelo jornalismo de celebridades, de como a vida pessoal dos artistas se tornou mais importante que a obra deles. Segundo Gabler, no esforço de chamar a atenção para o seu trabalho, escritores, músicos, artistas plásticos deixam de lado o que produziram e se veem obrigados (às vezes com prazer) a fazer todo tipo de “micagem” para aparecer. O jornalismo cultural, assim, foi parar na coluna social.



Sobre Jornalismo Cultural

Temas e discussões culturais sempre estiveram presentes no fazer da imprensa, desde que ela surgiu, porém somente no século XX é que os primeiros cadernos especializados em cultura começam a aparecer no Brasil.

Segundo Gomes (2005), o jornalismo cultural no Brasil seguiu uma trajetória semelhante à dos demais países, e que após o legado de autores como Machado de Assis e José Veríssimo o crítico profissional foi ganhando espaço nas análises das obras e da cena literária e cultural.

Pereira (1994) complementa a opinião de Gomes dizendo que, mesmo antes da modernização industrial do século XX – 1ª década -, a imprensa brasileira já havia atingido a sua ‘maturidade linguística’. Diz ainda que, apesar de os jornalistas, à época, escreverem textos que rompiam com a forma estabelecida e conhecida de como passar informação ao público, os mesmos textos jornalísticos “incutiam ideologias e estéticas da nova classe social burguesa”, separando seus assuntos entre os que eram fatos do dia e os que eram temas não presos ao cotidiano.

Enfim, passado o período considerado áureo – de bem conceituadas e respeitadas publicações e de críticos culturais tidos como brilhantes -, crises de identidade começam a ser percebidas no jornalismo cultural moderno, mais acentuadas a partir dos anos 50 do século XX. E isso acontece porque, segundo Piza (2004), com o surgimento dos meios de comunicação de massa – rádio, cinema e televisão – o jornalismo cultural se vê às voltas com novas e necessárias discussões acerca do seu papel diante da nova realidade.

Contudo, segundo o autor acima, não se pode negar a importância do jornalismo cultural como parte integrante da expansão da chamada “indústria cultural”, que continua transformando o setor de entretenimento em um dos mais importantes da economia global.

Nadja Miranda (2005) afirma que, embora a mídia impressa possa ser vista, genericamente, como um canal de difusão cultural e o jornalista um “artífice do processo de aculturação pública que promove a orientação do público nas sociedades contemporâneas”,

[...] os cadernos diários de cultura assumem a dimensão de um espaço especializado do conhecimento, inclusive no contexto de mudanças operadas na estrutura das próprias redações e na articulação das editoriais de texto e arte. Enquanto expressão do



jornalismo diário, eles tanto sumarizam o conjunto de manifestações culturais que se amplificam na própria indústria cultural da qual são parte integrante, quanto são subordinados à rotinização produtiva das empresas. Como área especializada, esses cadernos representam a possibilidade de reflexão das manifestações artístico-culturais e, embora sintonizados com a atualidade, operam com critérios de noticiabilidade próprios, distintos daqueles utilizados pelas páginas do jornalismo cotidiano. Todos esses aspectos repercutem na prática jornalística de produção das notícias culturais, determinando assim suas características mais notórias. (MIRANDA, 2005, p. 38).

Mas não há como se falar sobre jornalismo cultural sem entender o que se costuma chamar, na atualidade, de cultura e o que se costuma chamar entretenimento.

O dicionário *Michaelis 2000*, em seu volume 1, traz os seguintes significados para os termos cultura e entretenimento, nas páginas 623 e 824, respectivamente:

cul.tu.ra *sf* (*lat cultura*) [...] **7** Aplicação do espírito a uma coisa; estudo. **8** Desenvolvimento que, por cuidados assíduos, se dá às faculdades mentais. **9** Desenvolvimento intelectual. **10** Adiantamento, civilização. [...] **14** *Antrop* Estado ou estágio do desenvolvimento cultural de um povo ou período, caracterizado pelo conjunto das obras, instalações e objetos criados pelo homem desse povo ou período; conteúdo social. [...]

en.tre.te.ni.men.to *sm* (*entretener + mento*) 1 Ato de entreter. 2 Distração, passatempo, divertimento; entretém. *Var: entretenimento.*

Como se pode observar pela simples leitura dos verbetes acima, há diferença significativa entre as duas definições dicionarizadas.

Fernando Cascais, jornalista português, diz que existem muitas definições para cultura, da linguística à sociologia, da antropologia à psicologia, e em seu *Dicionário de Jornalismo* assim a conceitua:

[...] uma maneira colectiva de pensar e sentir, um conjunto de costumes, instituições e obras que constituem a herança social de uma comunidade ou grupo de comunidades. Esta é uma definição extensiva, outras são mais restritivas (circunscrevendo-a ao que correntemente se denomina alta cultura ou à chamada cultura popular, de características etnográficas). No entanto, o conceito envolve uma memória colectiva que possibilita a comunicação entre os membros da sociedade. A comunicação surge sempre associada à cultura: a cultura é entendida como um processo de comunicação ou a comunicação é uma manifestação da cultura. Profundamente afectada pelo processo de comercialização, que gerou a chamada cultura de massas, a aceleração do processo de globalização gerou as indústrias culturais, associadas ao lazer, ao entretenimento, ao consumo de massa. Media e cultura sempre se



associaram, tanto sociologicamente como industrialmente. (CASCAIS, 2001, p. 64).

Fábio Gomes (2005, p. 4) ensina que “A palavra ‘cultura’ deriva do vocábulo latino *culturam*, referindo-se ao ato de cultivar o solo ou à técnica empregada nessa atividade. Por analogia, o termo passou a ser utilizado para se referir à produção do espírito humano”.

E Cida Golin (2009) conta que apenas no século XX a definição de cultural passa a ter uma dimensão antropológica e passa a significar produção e consumo de obras artísticas, estéticas e culturais, e é trazida para o dia a dia com uma gama de valores decorrentes de ações sociais e lutas de poder, mas ainda assim algo para ser consumido no tempo livre, nos momentos de lazer. É por isso que os suplementos de cultura circulam, na maioria das vezes, nos fins de semana.

O conceito atual de cultura, então, aplicado na mídia seria:

A cultura engloba tanto aspectos materiais como não materiais e se encarna na realidade empírica da existência cotidiana: tais sentidos, ao invés de meras elucubrações mentais, são partes essenciais das representações com as quais alimentamos e orientamos nossa prática (e vice-versa) e, lançando mão de suportes materiais e não materiais, procuramos produzir inteligibilidade e reelaboramos simbolicamente as estruturas materiais de organização social, legitimando-as, reforçando-as ou as contestando ou transformando. Vê-se, pois, que antes de um refinamento ou sofisticação, a cultura é uma condição de produção e reprodução da sociedade. (MENEZES, 1996, p. 89, *apud* GOLIN, 2009, p. 28).

Marina Magalhães (2010), porém, adverte que a dificuldade em distinguir entre cultura e entretenimento, no âmbito do jornalismo cultural, começa pela quase impossibilidade em definir o próprio jornalismo cultural. “O que é ele? É uma especialização?”, questiona ela. Alguns autores dizem que a pouca literatura revela ser uma área ainda pouco explorada e confundida com o entretenimento, e que, apesar de o jornalismo especializado já fazer parte dos livros técnicos, a cultura só começou a ser uma área de interesse há poucos anos.

Livros clássicos, como o *Jornalismo Especializado*, de Mário Erbolato (1981), classificam como especialidades do jornalismo: noticiário esportivo, crônica social, jornalismo científico, cobertura policial, política e administrativa, charges e desenhos, cartas dos leitores, notas de falecimento, editorial, educação e ensino, cobertura judiciária, economia e finanças, ecologia e suplementos e variedades.



O último item inclui diversos temas, como crítica de televisão e rádio, crítica literária, programação de filmes, de televisão, de emissoras de rádio, turismo, assuntos femininos, cinema, clima, horóscopo, quadrinhos, efemérides, numismática, automobilismo, entre outros. Enfim, guias de lazer e diversão e atividades ligadas ao que se convencionou chamar indústria cultural.

Todas essas áreas caracterizam o que se chama, hoje, de entretenimento, mas que, na opinião de muitos, deve ser distinguido da função primordial do jornalismo cultural.

Para alguns críticos, o jornalismo cultural é conhecido no Brasil fundamentalmente através de dois gêneros: a crítica e a agenda. Crônica, perfil, notas e principalmente a reportagem acabam sendo colocados de lado no cotidiano da grande imprensa brasileira, restando às revistas especializadas e, na maior parte das vezes, menos conhecidas do público, essa função.

Porém, a literatura especializada informa que dois gêneros de texto – os informativos e os opinativos – formam o universo do jornalismo cultural, ou são mais largamente utilizados por ele. Os informativos - notícia, nota, resenha, reportagem, entrevista e, para alguns autores, também agenda, e a memória (notas lembrando fatos ocorridos na data) - têm como objetivo primordial contar ao leitor algo que ele ainda não sabe; os opinativos - exclusivos do jornalismo cultural –, representados pelo editorial, comentário, carta (do leitor), crítica, artigo de opinião, ensaio, buscam fundamentalmente apresentar a quem lê a opinião do jornalista acerca de uma obra ou evento cultural. Naturalmente que se pode encontrar, às vezes, em alguns gêneros do tipo informativo traços de opinião, e um texto opinativo será também sempre informativo, afinal esta deve ser sua função jornalística.

No Caderno Cultura ainda, nos mais variados jornais impressos em circulação, encontram-se outros gêneros textuais, como, por exemplo, a sinopse, a crônica, a entrevista, a caricatura.

Sobre o que se pode encontrar nos cadernos culturais hoje em dia, Piza (2004) faz uma crítica:

[...] os suplementos diários de cultura diários de cultura estão cada vez mais superficiais, com uma ênfase excessiva nas entrevistas com celebridades e aumento do espaço para colunistas, que normalmente não são jornalistas, ao invés da crítica cultural de opinião fundamentada. Os assuntos preferidos, por extensão, são o cinema americano, a TV brasileira e a música pop, que dominam as tabelas do consumo cultural. (PIZA, 2004, p. 54).



E sobre o gênero reportagem no jornalismo cultural, Piza (2004) diz que ela, diferentemente das outras editorias, “não está vinculada com a mesma frequência ao calor dos fatos, à cobertura em tempo real, e, ainda assim, é abordada como “hard news”, sem os diferenciais de profundidade e multiplicidade necessários”. E ensina que:

É possível fazer com que, mesmo não sendo fundamentalmente informativo, o jornalismo cultural conte com reportagens vinculadas a temas factuais. O jornalismo cultural é, antes de mais nada, jornalismo. Com isso prescinde de um vínculo com a atualidade. Um relançamento, evento ou data comemorativa, neste sentido, pode ser usado como um gancho para a elaboração de uma reportagem especial. (PIZA, 2004, p. 54).

Conforme Mota nos ensina, em artigo intitulado *Jornalismo cultural como exercício crítico*, divulgado em 28 de janeiro de 2008, um ponto de partida para o exercício crítico é se perguntar: “é a crítica uma forma de explicação ou um pretexto para uma interpretação?”. Se for o primeiro caso, busca-se tornar explícito ou explicitar em detalhes uma determinada obra cultural; é expor, revelar, mostrar ao leitor o que não foi visto por ele num primeiro olhar. E isto pode ocorrer com a análise de um romance, de um filme, um CD de rock ou um show musical, pois eles não falam por si mesmos. Debruçar-se especialmente sobre o que a obra não diz, seus silêncios, seus interdiscursos (a que outros textos, músicas, filmes, a obra remete?) é tarefa para o jornalista cultural.

Explicar uma obra significa também mergulhar no processo criativo do seu autor. Que universo é este, em que mundo imaginário o autor vive? Como expressa este mundo através dos seus personagens, de representações culturais de sua própria realidade? Não é, portanto, um julgamento do autor ou da obra, mas um exercício de tornar visível o que é invisível, transformar em linguagem o que é silêncio, revelar o que não foi dito. (MOTA, 2008).

Mota (2008) diz ainda que é preciso lembrar que a explicação de um produto cultural não se resume “[...] a uma descrição minuciosa ou ligeira do seu conteúdo, como se lê em *releases* de filmes, algumas vezes transcritos em jornais ou revistas. Não é, igualmente, situar a obra numa longa descrição histórica para caracterizá-la como parte de um movimento, seja literário, seja fílmico”.

Quanto ao segundo ponto da questão – o da crítica como pretexto para uma interpretação - Mota (2008) afirma que



[...] é quase um exercício hermenêutico de criar novos significados sobre um determinado produto cultural que nem sempre correspondem aos que o autor quis representar. Com isso, o crítico praticamente constrói uma nova obra – ou quase – à sombra ou à margem da obra original que pretendeu examinar. O grande problema deste tipo de criticismo é que o jornalista cultural pode deixar de lado o universo do autor, sua visão de mundo, seus referentes sócio-históricos, em troca de uma leitura própria da obra.

Como ser um jornalista cultural habilidoso, competente e ético, então? Como fazer para o jornalismo cultural voltar a ocupar um lugar de honra, privilegiado, no cotidiano dos seres pensantes de nossa sociedade, ávidos por sempre mais conhecimento? Para Mota (2008), isso é possível recuperando, em primeiro lugar, o espaço da crítica, hoje tornada resenha. E, a partir daí, ir recuperando valores culturais, pelo que significam nos processos de construção de identidade, colocando obras de arte em debate, provocando com isso uma maior reflexão sobre seus conteúdos e sobre os valores que põem em circulação.

O exercício crítico, aliado a uma maior informação e estudo por parte dos jornalistas dos chamados cadernos B ou C, é que vai permitir um outro olhar sobre estes produtos. É uma reflexão de caráter emancipador sobre esta nossa pós-modernidade, em que valores ocidental-americanos ou oriental-nipônicos estão sempre a confrontar nossas próprias culturas locais. (MOTA, 2008).

E agora, voltamos à dúvida primordial: quais são, então, os limites entre cultura e entretenimento nos chamados Cadernos de Cultura de um jornal impresso? É possível fazer essa distinção ou ambos se (con)fundem, atualmente, no fazer jornalismo cultural?

Na tentativa em obter-se resposta(s) para essa questão, procedeu-se a uma análise comparativa de edições dominicais impressas - uma por semana, de maio a setembro de 2011 - , dos Cadernos de Cultura dos jornais *A Gazeta* e *Folha do Estado*, ambos veiculados diariamente em Cuiabá e no interior do Estado, acompanhada essa análise por entrevistas com os editores responsáveis pelos referidos cadernos, buscando-se conhecer e compreender qual a visão que os dois veículos têm acerca da produção de jornalismo cultural na capital mato-grossense.

Cadernos de Cultura – análise

À primeira vista, encontra-se facilmente a maior polarização no jornalismo cultural local: variedades x erudição, sendo que manifestações desta última foram



encontradas nos dois cadernos culturais, mas de forma rara, em algumas entrevistas e artigos literários.

O Caderno “Folha 3”, do jornal *Folha do Estado*, reúne, em um só espaço, entrevistas com personalidades da cultura local, artigos, anúncios de livros, filmes, CDs e DVDs, matérias sobre programas de televisão e resumo de novelas, fofocas sobre artistas no suplemento Revista TV, além do suplemento AZ, que aborda entretenimento. Ainda, moda, cinema, música, exposições, agenda cultural, tecnologia, crônica política, colonismo social, o tradicional horóscopo, quadrinhos e palavras cruzadas.

No Caderno “Vida”, do jornal *A Gazeta*, não é diferente. As matérias sobre assuntos ditos “culturais” dividem espaço com os suplementos Zine e Tevê. O primeiro, uma espécie de informativo direcionado aos jovens, com dicas de moda, sem deixar de lado as fofocas sobre celebridades. Tevê traz os acontecimentos da televisão aberta. O pouco espaço que resta para as manifestações culturais e artísticas ainda perde lugar para colunas sociais e políticas, quadrinhos, palavras cruzadas, crônicas e programação diária dos cinemas e TVs locais.

Apresentando textos com linguagem mais culta, ambos os cadernos dirigem-se a um público bem específico, que não agrega a grande massa, caracterizando, assim, a outra ponta dessa dicotomia definida por Piza (2004). Regionalismos e clichês foram raramente percebidos, apenas em algumas entrevistas com músicos e artistas locais.

Contudo, como a análise foi feita apenas com edições dominicais, as minúcias da erudição não foram aprofundadas neste trabalho. Pontuam-se apenas alguns sinais, quando encontrados, nas matérias analisadas.

Assim como a heterogeneidade dos assuntos abordados pelos cadernos, que são reunidos de forma inadequada, identificou-se outro fenômeno dicotômico nos cadernos e suplementos culturais locais: elitismo x populismo. Contudo, neste aspecto, observa-se uma divisão menos gritante. Encontram-se, por exemplo, matérias sobre artistas considerados “de elite”, como o escritor Paulo Coelho, mas que são de interesse popular por terem apelo comercial e serem respeitados tanto pelos intelectuais quanto pela grande massa.

Há um número maior de matérias sobre televisão, música, teatro, cinema e literatura, formas de arte de fácil acessibilidade e consumo dos leitores em geral em relação a outras manifestações artísticas, como dança e artes plásticas, consideradas “elitistas” por despertarem interesse num público mais específico.



As notícias sobre temas nacionais e internacionais se apresentam bem dosadas, pelo menos no período em que as publicações foram selecionadas. Seguindo a lógica da agenda de apresentações como pauta para o jornalismo cultural cuiabano, ainda há forte predominância das matérias nacionais, sobretudo as dos grandes centros, mas há ênfase também nas mato-grossenses. As matérias de assuntos estrangeiros seguem a lógica da agenda de lançamentos, estreias ou acontecimentos, além de datas memoráveis, como aniversários ou aniversários de morte de determinados artistas.

No cinema, em especial, a balança se mostra bastante equilibrada, alternando matérias sobre lançamentos de filmes estrangeiros com filmes nacionais, sem deixar de registrar as produções audiovisuais locais e os eventos relacionados ao tema no Estado. Acredita-se que a dosagem adequada nas abordagens sobre esse tema em particular se deva à fácil acessibilidade do cinema como bem de consumo propagado pela já citada indústria cultural.

O último fenômeno apontado por Piza (2004), encontrado em algumas matérias da pesquisa, é considerado um dos mais prejudiciais ao jornalismo cultural produzido na atualidade. Aproveitando a leveza dos temas, os jornalistas muitas vezes deixam de aprofundar as discussões em relação aos assuntos tratados, perdendo grandes oportunidades de provocar a reflexão do leitor. Muitas matérias não fazem jus aos temas que abordam, e tratam a arte como quaisquer outros assuntos noticiados nos jornais.

Além disso, com relação ao espaço dito comercial, percebeu-se que dos poucos anúncios publicitários destes cadernos culturais todos têm relação com a área de entretenimento, exemplos recorrentes na programação do Cinemais-Três Américas e Multiplex Pantanal e de shows musicais promovidos por produtoras locais. Por outro lado, na área cultural, percebe-se um grande número de matérias pagas ou enviadas por assessorias, com tom qualitativo, a fim de vender o produto cultural de alguma forma: eventos, exposições, teatro, mostras, festivais etc.

E, encerrando nossa análise, percebeu-se que não há forma alguma de interatividade entre os cadernos de cultura e seus leitores, ao menos não nas edições dominicais selecionadas. Não aparece, por exemplo, uma carta de um eventual leitor, que permita perceber o que ele pensou (críticas ou elogios) acerca do que leu. Caso haja realmente essa interação, ela está disposta em outro espaço do jornal, e aí seria necessário novo estudo, outras leituras.



Considerações finais

Sabe-se que pela diversidade étnica, religiosa e cultural existente no Brasil se torna ainda mais complicado distinguir ‘cultura’ e ‘entretenimento’, pois parecem ter se (con)fundido no imaginário popular do povo brasileiro. Porém, (re)discutir o papel do jornalismo cultural e sua importância para a informação e formação do cidadão contemporâneo torna-se algo que não pode mais ser adiado.

As críticas são inúmeras e contundentes. Os estudiosos do assunto dizem que alguns veículos de comunicação são responsáveis por uma visão unilateral do que seja o jornalismo cultural, hoje, em nosso país. Afirmam eles que, de modo generalizado, o que se percebe é certa banalização das seções ou cadernos culturais, e o que se tem, com raras exceções, são matérias superficiais, “rasas” (a maioria composta de “notas” ou “notícias”) feitas com base numa agenda e em eventos que fazem parte das pautas de assessorias de imprensa querendo divulgação.

Para muitos estudiosos do tema, falta trato mais sério nas questões abordadas, sendo raríssimas as reportagens que poderiam esclarecer e instigar o leitor, através do aprofundamento das informações. Esses autores dizem que isso acontece não por causa do número de páginas disponível – alguns jornais chegam a destinar até 10% de sua estrutura para a seção cultural -, mas pela visível falta de espaço para articulistas ou colunistas especializados em discernir e analisar as variadas questões culturais, assim como faltam espaços para reportagens que tratem dos inúmeros aspectos de acontecimentos da área. O que se torna predominante, então, nos chamados cadernos de cultura de vários jornais brasileiros são as colunas sociais, horóscopo diário/semanal, quadrinhos, agenda cultural, programação de televisão e cinema, palavras cruzadas, etc., praticamente igualando todos esses jornais, pois entretenimento é a palavra de ordem, e a crítica cultural parece ter perdido um espaço precioso para ocorrer.

É verdade que existe uma superficialidade e uma escassez de boas análises nas seções de cultura dos jornais, e essa situação precisa ser revertida. Como? Ora, a cultura está sempre gerando fatos interessantes e instigantes, então talvez sejam necessários jornalistas melhor (in)formados, criativos e talentosos para acompanhá-los.

Assim, é notória a crise de identidade por que passa o jornalismo especializado hoje. Se não se pode mais definir o jornalismo cultural como uma cobertura temática (música, artes plásticas, etc.), como então configurá-lo? Por outro lado, se outro caminho é tomado, acreditando-se que tudo é cultura, por que então os meios de



comunicação deveriam dedicar espaço próprio para este tipo de jornalismo? Com que justificativa? Os outros cadernos (política, economia...) já não estariam cumprindo a cobertura dos elementos culturais da sociedade?

Percebe-se claramente que o sentido de cultura se encontra profundamente alterado nas sociedades contemporâneas, e isso implica reconfigurar o que se entende por jornalismo cultural, cuja identidade tem de encontrar novos elementos para definir sua prática social. Também é fundamental que a formação em jornalismo seja atualizada e capaz de abarcar essas mudanças de paradigma.

Cabe ao jornalista estar sempre muito bem (in)formado, embasado em fontes fidedignas, realmente lidas e estudadas por ele, debater valores culturais, definir critérios mínimos de apreciação de bens culturais e midiáticos, sem se submeter a critérios de mercados.

A apuração dos conteúdos veiculados nas páginas de cultura dos jornais cuiabanos *A Gazeta e Folha do Estado*, nas edições dominicais selecionadas, indica que em ambos, mesmo com disposição gráfica diferenciada e conteúdo diversificado, o que se lê/vê está cada vez mais resumido ao entretenimento e às notícias sobre celebridades. Falta densidade e reflexão sobre os movimentos culturais e seus principais atores, tal como é proposto na definição do próprio jornalismo cultural.

Aproveitando a leveza dos temas, os jornalistas muitas vezes deixam de aprofundar as discussões em relação aos assuntos tratados, perdendo grandes oportunidades de provocar a reflexão do leitor. Muitas matérias não fazem jus aos temas que abordam, e tratam a arte como quaisquer outros assuntos noticiados nos jornais. O que Mota (2008) discorda, dizendo que a questão fundamental do chamado Jornalismo Cultural é “ [...] a do exercício crítico por excelência. Uma sociedade sem crítica é uma sociedade morta e, ao abrir mão desse exercício, os jornalistas se tornam apenas porta-vozes da indústria cultural e seus sub-produtos”.

Percebe-se, nas páginas de cultura, claramente, as dicotomias de que fala Magalhães (2010) e que prejudicam o cumprimento do fazer jornalístico especializado, pois nelas se podem encontrar matérias superficiais ou com tentativas de erudição, nem sempre há um equilíbrio entre matérias que abordam assuntos locais, nacionais e internacionais e, também, um não equilíbrio entre temas considerados elitizados e os tidos como mais populares.

Tudo isso corrobora com aqueles que fazem críticas ao fato aparente de o jornalismo cultural, na atualidade, parecer ter perdido sua função original, o posto para



o qual foi criado. Verdade que poucos conseguem traçar a distinção existente entre os tipos de jornalismo ou visualizar nitidamente as funções do jornalismo cultural. As controvérsias são inúmeras, e se vestem de verdades para cada um que se dispõe pensar sobre o assunto.

Porém, acreditamos que, por se tratar de jornalismo cultural, ou mesmo de entretenimento, que atuam no campo da criatividade, da pesquisa, do estudo, seria necessária uma maior variação e inventividade na busca pelo caráter indagativo, inovador e, sobretudo, reflexivo da cultura.

Não conseguimos considerar como jornalismo cultural as notinhas de shows, as agendas sobre os espetáculos diários oferecidos à população, os releases de filmes, as peças de teatro ou de exposições, os horóscopos diários que tomam conta dos chamados cadernos culturais. Jornalismo cultural é aquilo que vai além disso, é o que coloca em debate ideias, sem deixar de lado a crítica aos espetáculos ou aos produtos de arte, já que estes também são uma forma de refletir sobre o mundo (em) que vivemos.

Por que fazemos essas críticas ao jornalismo cultural, com extensão aos seus “fazedores”, os jornalistas culturais? Porque são eles que têm nas mãos a capacidade de decidir sobre dois procedimentos: o do julgamento do valor qualitativo de um produto ou bem cultural, ou o do julgamento do valor de mercado. Porque concordamos com Mota (2008) quando ela diz que

[...] vivemos em tempos pós-modernos, onde se constata o abandono dos programas ordenadores, legitimadores, atribuidores de valores estéticos e culturais. Expandem-se os sistemas técnicos incontroláveis, o império dos efeitos visuais sobre a narrativa. Com isso, troca-se o sujeito emancipador (dotado de razão, de senso estético e transformador) pelo sujeito falsamente emancipado pelas novas tecnologias.

Entendemos as mudanças paradigmáticas ocorridas – discutidas à exaustão pelos inúmeros autores que estudamos - provavelmente sem volta ao que era, mas ainda acreditamos que exercer a crítica no jornalismo cultural, resgatando-a em seu sentido mais primordial, é resgatar o conceito de que cultura é constitutiva da identidade de um povo. É ter consciência de que é no aqui e no agora, no espaço – individual e/ou coletivo - de constituição de significados, que se constrói a memória cultural do país.

Então, talvez algo para melhorar essa situação tivesse início se os cursos de graduação em comunicação social incluíssem, como obrigatória, a disciplina de Jornalismo Cultural ou, no mínimo, atividades sistemáticas que contemplem aspectos culturais, além de cursos de pós-graduação mais frequentes e acessíveis. Sendo que



essas atividades poderiam contemplar outros estudantes que não apenas os do curso de jornalismo, pois acreditamos, como Marina Magalhães (2010), que há um novo aluno ocupando atualmente os assentos das inúmeras instituições de ensino superior brasileiras – graças à abertura do setor privado, à oferta de cotas específicas, aos financiamentos e bolsas estudantis -, e que ele pode ser preparado para transformar a realidade que o circunda, em todos os aspectos, inclusive ser um multiplicador de uma cultura popular periférica, ignorada, até para dar visibilidade a ela e reduzir as desigualdades porventura existentes.

Concordamos, ainda, com Piza (2009) quando ele afirma, categoricamente, que é imperativo que o jornalismo cultural brasileiro avance, reconquiste uma qualidade perdida, uma importância mais decisiva na formação das pessoas.

Mesmo em tempos de demagogia com o leitor, a imprensa não vive sem autores que sejam capazes de informar e interpretar, isto é, de formar as pessoas de modo que elas sejam desafiadas a ter opinião própria, a ter uma curiosidade consequente, a dar valor às armas do espírito. O cidadão atual é cada vez mais pressionado a fazer opções, a dizer o que pensa sobre os mais diversos tipos de assunto – dos transgênicos ao Oriente Médio, das estréias de cinema às desmedidas da política – e assim exercer sua cidadania. O jornalismo cultural tem esse papel simultâneo de orientar e incomodar, de trazer novos ângulos para a mentalidade do leitor-cidadão. (PIZA, 2009, p. 116-117).

Também pensamos, como Magalhães (2010), que, entre os desafios para a produção de um “novo” jornalismo cultural, há que se cuidar das abordagens de temáticas clássicas (política, economia, etc.) tendo um olhar mais cultural-reflexivo, prever a inclusão de novas (objetos/design, moda/comportamento e culinária), que ganham cada dia mais *status* cultural, e sem se esquecer de tratar sem preconceito e com profundidade os vários objetos da chamada indústria cultural.

Creemos ter conseguido uma resposta ao que buscávamos, pois constatamos que não há limites claros e definidos entre cultura e entretenimento nos chamados Cadernos de Cultura de grande parte dos jornais impressos no Brasil, assim como nos dois de Cuiabá analisados por nós. A distinção não se torna possível, pois os dois conceitos se fundem. E parece que realmente basta, para os cadernos de cultura de *A Gazeta* e da *Folha do Estado* somente informar quais são os shows da semana ou resumir filmes que estão em cartaz.

Constamos também que, em sua atuação contemporânea, a imprensa, com exceção de alguns raros veículos especializados no assunto, raramente consegue contemplar e compreender as manifestações culturais diferenciando-as do simples



entretenimento. E Neal Gabler tem razão: nos dias atuais, a cultura se submete à tirania do entretenimento, sim. Vende mais. E, além disso, como Piza afirma, faltam hoje leitores competentes para o verdadeiro jornalismo cultural. Por isso, também, pensamos que o jornalismo cultural feito no Brasil, em especial em Cuiabá, não tem muito condições de debater a complexidade das manifestações culturais da atualidade e produzir reflexões consistentes sobre elas.

REFERÊNCIAS:

CASCAIS, Fernando. *Dicionário de Jornalismo – As palavras dos media*. Lisboa/São Paulo: Verbo, 2001.

ERBOLATO, Mário L. *Jornalismo especializado*. São Paulo: Atlas, 1981.

GABLER, Neal. *Vida, o Filme - Como o entretenimento conquistou a realidade*. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

GOLIN, Cida. Jornalismo cultura: reflexão e prática. In: AZZOLINO, Adriana Pessatte (Org.). *Sete propostas para o jornalismo cultural: reflexões e experiências*. São Paulo: Miró Editorial, 2009.

GOMES, Fábio. *Jornalismo Cultural: Brasileirinho* Produções: 2005. Disponível em: <<http://www.jornalismocultural.com.br>>. Acesso em 22 jul. 2011.

MAGALHÃES, Marina. *Polarizações do Jornalismo Cultural*. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2010. (Série Veredas, 7)

MICAELIS 2000 : moderno dicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Reader's Digest; São Paulo: Melhoramentos, 2000. 2v.

MIRANDA, Nadja. Divulgação e jornalismo cultural. In: RUBIM, Linda. *Organização e produção da cultura*. Salvador: EDUFBA, 2005.

PIZA, Daniel. *Jornalismo cultural*. São Paulo: Contexto, 2003.

_____. *Jornalismo cultural*. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2004.

_____. *Jornalismo cultural*. 3. ed., 2ª reimp.. São Paulo: Contexto, 2009. (Coleção Comunicação)

_____. A terceira margem do jornalismo cultural. In: _____. *Um país aberto: reflexões sobre a Folha de S. Paulo e o jornalismo contemporâneo*. São Paulo: Publifolha, 2003. p. 142-149.